

“Vós orareis assim”

(Mateus 6:9–15; Lucas 11:1–4)

Em Mateus 6 Jesus advertiu contra a prática de atos justos “com o fim de ser visto” por outros (v. 1) e citou três exemplos: dar aos pobres (vv. 2–4), orar (vv. 5–15) e jejuar (vv. 16–18). No segmento sobre oração, Jesus citou a conhecida “Oração do Pai Nosso” (vv. 9–15). Há tanto para se aprender com essa oração que estamos lhe dedicando uma lição inteira¹. O texto é conhecido por muitos:

Portanto², vós orareis assim:
Pai nosso, que estás nos céus,
santificado seja o teu nome;
venha o teu reino;
faça-se a tua vontade,
assim na terra como no céu;
o pão nosso de cada dia dá-nos hoje;
e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós
temos perdoado aos nossos devedores;
e não nos deixes cair em tentação; mas livra-nos
do mal [pois teu é o reino, o poder e a glória para
sempre. Amém]! (vv. 9–13).

Numa ocasião posterior, “estava Jesus orando em certo lugar; quando terminou, um dos seus discípulos lhe pediu: Senhor, ensina-nos a orar como também João ensinou aos seus discípulos” (Lucas 11:1). Jesus respondeu com uma versão mais abreviada da oração:

Quando orardes, dizei:
Pai, santificado seja o teu nome;
venha o teu reino;

o pão nosso cotidiano
dá-nos de dia em dia;
perdoa-nos os nossos pecados,
pois também nós perdoamos a todo o que nos
deve;
e não nos deixes cair em tentação (Lucas 11:2–4).

Neste estudo nos concentraremos no formato da oração apresentada em Mateus 6, mas faremos referências ocasionais a Lucas 11. Antes de examinarmos a oração, vamos tratar de alguns assuntos relevantes. Em primeiro lugar, a oração em Mateus 6 não tinha a intenção de ser uma oração ritualística. Nos versículos que a precedem, Jesus advertiu contra o uso de “vãs repetições” (v. 7). Além disso, o Senhor disse: “Portanto, vós orareis assim” (v. 9a) e não: “usem exatamente estas palavras”. A Bíblia Viva diz: “Orem desta maneira”. Quando Jesus repetiu a oração posteriormente (Lucas 11), Ele Próprio não usou as mesmas palavras. Em Mateus 6³, Ele usou sessenta e oito palavras e somente trinta e sete em Lucas 11⁴.

Em segundo lugar, sugerimos que o conhecido título “Oração do Pai Nosso” não é a melhor designação. O título foi atribuído por um erudito desconhecido na Era das Trevas e acabou se popularizando. Todavia, se o próprio Jesus alguma vez entoou essa oração, não há registro disso. Uma expressão mais apropriada seria “A Oração

¹Esta é uma revisão do sermão “A Oração Modelo”, publicada na edição “A Vida de Cristo—Parte 14” de *A Verdade para Hoje*, p. 46 (volume 8, edição 2).

²A palavra “portanto” conecta a oração com o ensino antecedente. Não devemos usar vãs repetições (Mateus 6:7), mas devemos orar “assim”.

³Essa contagem baseia-se na versão inglesa NASB e inclui a última parte do versículo 13. (Veja os comentários sobre isso mais adiante nesta lição.) No texto grego são usadas 58 palavras no relato de Mateus, sem contar o fim do versículo 13.

⁴O relato de Lucas no original grego contém 38 palavras.

dos Discípulos” ou “A Oração Modelo”.

A oração de Mateus 6 é uma oração modelo em muitos aspectos. Ela é um modelo quanto ao conteúdo: contém um reconhecimento da grandeza de Deus, expressa preocupação com o reino e com todos que estão no mundo e até menciona necessidades pessoais. Além disso, ela é modelo quanto à brevidade e simplicidade: ela compreende cinco versículos em Mateus e três em Lucas, levando apenas vinte segundos para ser dita em voz alta. A oração do Pai nosso também é modelo em outros aspectos.

MODELO QUANTO AO DESTINATÁRIO (6:9)

A oração que Jesus ensinou é modelo quanto ao destinatário. Em primeiro lugar, ela se dirige a Deus: “Pai nosso que estás no céu” (v. 9b; grifo meu). Devemos orar a Deus—não a Maria nem a outro santo, mas a Deus. Paulo disse que devemos dar “sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo” (Efésios 5:20; grifo meu). Novamente, devemos orar a Deus, nosso Pai. Ele não é um Deus impessoal, mas um Pai que cuida e provê. Além disso, devemos orar a Deus, que é o nosso Pai. Esta não é a oração de um eremita; não é a oração de um filho único. A expressão “Pai nosso” reconhece a irmandade que temos em comum. Quando oramos “Pai nosso” indicamos que estamos no convívio de uma família.

A oração também é modelo quanto ao seu destinatário porque ela se dirige ao céu: “Pai nosso que estás no céu”. Este mundo é obra de Deus e pertence a Ele, mas não é a morada dEle. O cristianismo é uma religião centrada no céu. Jesus veio do céu e voltou para o céu. Ele está agora à direita de Deus no céu, intercedendo por nós. Um dia, Ele descerá do céu para reunir os Seus, os quais passarão a eternidade no céu com Ele. Paulo escreveu que “a nossa pátria está nos céus” (Filipenses 3:20). Jesus disse aos Seus discípulos: “... alegrai-vos... porque o vosso nome está arrolado nos céus” (Lucas 10:20). Ele desafia todos nós a acumular tesouros no céu (Mateus 6:20).

MODELO QUANTO AO RESPEITO (6:9)

A oração ensinada por Jesus também é modelo quanto ao respeito nela demonstrado. Deus não é um amigo informal; Ele é nosso Pai — e Seu nome é *santo*. A oração continua: “Santificado seja

o Teu nome” (v. 9c; veja Lucas 11:2b). A palavra traduzida por “santificado” (ἁγιαζω, *hagiazō*) vem do grego equivalente a “santo” (ἅγιος, *hagios*) e significa “considerado ou respeitado como santo”⁵. No Antigo Testamento, o salmista disse: “santo e tremendo é o seu nome” (Salmos 111:9c). A Lei de Moisés ordenava: “Não tomarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão” (Êxodo 20:7a).

O nome de Deus representa tudo que Ele é. D. Martyn Lloyd-Jones escreveu: “Num sentido, devemos tirar as sandálias dos pés sempre que usamos o nome [de Deus]”⁶. A oração modelo deixa claro que, mesmo debaixo da nova aliança, ainda devemos nos aproximar de Deus com profundo temor.

MODELO QUANTO À ÊNFASE (6:10)

A reverência que acabamos de mencionar estabelece o tom em que chegamos ao momento das petições na oração. A preocupação inicial expressa não é consigo mesmo, mas com os planos e propósitos de Deus: “Venha nós o Vosso reino” (v. 10a; veja Lucas 11:2c). A palavra traduzida por “reino” (βασιλεία, *basileia*) denota “soberania, poder régio, domínio”. Como figura de linguagem, refere-se ao “território ou ao povo sobre o qual um rei reina”⁷. O reino de Deus refere-se ao reinado de Deus. As palavras “venha a nós o vosso reino” poderiam significar: “que mais e mais pessoas coroem Deus rei de seus corações e vidas”. Nesse caso, o significado é o mesmo da próxima petição citada na oração: “Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu” (v. 10b).

Não nos esqueçamos, porém, do contexto do sermão do monte. Imediatamente antes de Jesus pregar esse sermão, ele estivera viajando pela Galiléia pregando: “Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus” (4:17). “O reino” era o reino messiânico pelo qual os judeus aguardavam. Esse reino seria estabelecido no primeiro Pentecostes judaico após a morte, sepultamento e ressurreição de Cristo. As epístolas geralmente o denominam “a igreja”. Analisemos algumas pas-

⁵*The Analytical Greek Lexicon*. Londres: Samuel Bagster & Sons Ltd., 1971, p. 3.

⁶D. Martyn Lloyd-Jones, *Studies in the Sermon on the Mount*, vol. 2. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1959, p. 60. Ele estava fazendo alusão ao ato de Moisés tirar as sandálias em Êxodo 3:5.

⁷W. E. Vine, Merrill F. Unger e William White Jr., *Dicionário Vine*. Trad. Luiz Arón de Macedo. 7a. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p. 936.

sagens chaves sobre o reino messiânico:

- Daniel prometeu que o reino messiânico viria nos dias do Império Romano (veja Daniel 2:44)⁸.
- Enquanto os romanos governavam o mundo, João Batista e depois Jesus pregaram: “está próximo o reino dos céus” (Mateus 3:2; 4:17).
- Em Cesaréia de Filipe, Jesus falou sobre estabelecer o Seu reino, chamando-o de “igreja” (Mateus 16:18, 19).
- Cristo disse aos Seus discípulos que o reino viria enquanto eles ainda estivessem vivos e que ele viria “com poder” (Marcos 9:1). Mais tarde, ele disse que o poder viria quando o Espírito Santo descesse sobre eles (Atos 1:6–8).
- O Espírito Santo veio no primeiro Pentecostes após a ascensão de Jesus (Atos 2:1–4). Naquele momento, o poder veio e o reino/a igreja foi estabelecido.

A partir daquele Pentecostes, o reino/a igreja passou a ser descrito como já existente. Quando as pessoas eram salvas, Deus as acrescentava à Sua igreja (veja Atos 2:47), resgatando-as do “domínio das trevas” e transportando-as para “o reino do Seu Filho amado” (Colossenses 1:13; NVI). Os cristãos estão num reino inabalável (Hebreus 12:28), a igreja que não pode ser destruída pelas portas do inferno (Mateus 16:18)!

Quando Jesus mandou os discípulos orarem: “Venha a nós o Vosso reino”, Ele estava pedindo que eles participassem do grande plano eterno de Deus, que incluía a igreja (veja Efésios 3:10, 11).

Devemos repetir esta parte da oração nos dias de hoje? J. W. McGarvey diz que “precisamos omitir a petição ‘venha o vosso reino’ porque no sentido da petição o reino já veio, e é impróprio manter essas palavras e ainda atrelá-las a um sentido diferente do empregado por Jesus”⁹. Todavia, é possível usá-las com alguns critérios. Poderíamos dizer: “Venha o vosso reino a *todo o mundo*” ou “Venha o vosso reino *aos corações de todos os*

homens”. Poderíamos fazer uma súplica pessoal e orar: “Que o vosso reino seja estabelecido mais plenamente no *meu* coração”. Pense nesse assunto com cuidado, pois se usarmos essas palavras sem critério algum, parecerá que estamos apoiando os pré-milenistas que acreditam que o reino de Cristo ainda não foi estabelecido.

Acima de tudo, a oração modelo ensina que você e eu devemos nos *preocupar* com o reino/a igreja — e que devemos incluir o sucesso do reino em nossas orações. Devemos orar pela igreja local e pela igreja em todo o mundo. Dessa maneira, nos tornamos participantes do grande plano divino de fazer conhecida a Sua sabedoria “pela igreja”, segundo “o eterno propósito que estabeleceu em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Efésios 3:10–11)!

MODELO QUANTO À PREOCUPAÇÃO (6:10)

A próxima petição também enfatiza o espiritual “faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu” (v. 10b). Expressa-se aqui o desejo de que todos na terra obedeçam à vontade de Deus. Só o ato de contemplar tal possibilidade já aguça nossa imaginação. Pense em como a vontade de Deus é feita no céu. Visualize os anjos e arcanjos diante do trono de Deus. Veja-os ávidos por ouvir as ordens de Deus e prontos para obedecer. Como seria maravilhoso se a vontade de Deus fosse obedecida dessa maneira em toda a terra! Considerando que a vontade de Deus é revelada basicamente na Sua Palavra, para que esta parte da oração seja atendida, precisamos levar essa Palavra a todas as partes do mundo (Mateus 28:18–20; Marcos 16:15, 16). Precisamos encorajar as pessoas em todos os lugares a obedecerem às ordens do Senhor.

Contudo, a principal importância desta parte da oração é nos induzir a examinar nossas próprias *atitudes* em relação à vontade de Deus. Muitos de nós nem sempre se alegram em realizar a vontade de Deus em suas vidas. Alguém disse que “o homem não gosta das partes a ele confiadas pelo Rei celestial”. Alguns, de fato, oram: “Seja feita a *minha* vontade na terra”. William Barclay escreveu: “A oração nunca deve ser uma tentativa de desviar a vontade de Deus para os nossos desejos; mas deve ser sempre uma tentativa de submeter a nossa vontade à de Deus”¹⁰.

⁸Daniel profetizou que o reino seria estabelecido durante a quarta ocupação, que conhecemos historicamente como Império Romano.

⁹J. W. McGarvey, *The New Testament Commentary*, vol. 1, *Matthew and Mark*. S.p., 1875; reimpressão, Delight, Ark.: Gospel Light Publishing Co., 2006, pp. 64–65.

¹⁰William Barclay, *The Gospel of Matthew*, vol. 1, ed. rev. The Daily Study Bible Series. Filadélfia: Westminster Press, 1975, pp. 198–99.

MODELO QUANTO À LIMITAÇÃO (6:11)

Já comentamos metade da oração e não houve nenhum pedido pessoal. Isto nos mostra qual deveria ser a ênfase de nossas orações. Nossas orações, porém, já devem estar preparados, agora, para os pedidos pessoais. Lemos a seguir: “O pão nosso de cada dia¹¹ dá-nos hoje” (v. 11). O relato de Lucas diz: “o pão nosso *cotidiano* dá-nos de dia em dia” (Lucas 11:3; grifo meu). Observemos a *limitação* contida no pedido: não é pedido um bolo ou outra sobremesa desejável¹², e sim *pão*, mas o bastante para aquele dia. “A oração é para nossas necessidades, e não para nossa voracidade”¹³.

Uma das lições desta parte da oração é que devemos nos contentar em suprir as *necessidades* da vida. O alimento é uma das poucas coisas de que *necessitamos*. Não é errado pedir outras bênçãos, mas nossa felicidade não deve depender do acúmulo de bens. Paulo escreveu: “Tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes” (1 Timóteo 6:8).

Há outras lições nesta seção da oração. Por exemplo, o lembrete de que *Deus* é a fonte de todas as bênçãos. Devemos orar a Ele por coisas simples e básicas como o pão de cada dia. Não devemos dizer: “Veja o que *eu* consegui”, e sim: “Veja o que *Deus* fez que eu conseguisse”. Tudo o que temos, obtivemos ao longo do caminho; mas quem disponibilizou essas bênçãos para serem obtidas por nós foi Deus. Devemos trabalhar pelo pão de cada dia (veja 2 Tessalonicenses 3:11), mas sem deixar de reconhecer que Deus é a Fonte legítima de toda bênção.

O versículo 11 também evidencia a necessidade de sermos altruístas, abnegados. Não devemos orar pelo “*meu* pão de cada dia”, e sim pelo “pão *nosso* de cada dia”. Em toda a oração, enfatiza-se a comunidade de cristãos. Leia a oração mais uma vez. O pronome pessoal “eu” não é mencionado. A oração está repleta de preocupação com os outros.

¹¹Os comentaristas falam muito sobre a palavra grega traduzida por “de cada dia” (ἐπιούσιος, *epiousios*). O significado mais provável está relacionado à expressão “hoje” em Mateus 6:11. Outro significado possível é “amanhã”. De qualquer maneira, somos ensinados a pedir o que necessitamos num futuro imediato.

¹²Adapte o termo ilustrativo à realidade dos seus ouvintes.

¹³D. A. Carson, “Matthew”, *The Expositor’s Bible Commentary*, vol. 8. Grand Rapids, Mich.: Regency Reference Library, Zondervan Publishing House, 1984, p. 171.

MODELO QUANTO À HUMILDADE (6:12)

Outro pedido pessoal vem a seguir: “Perdoai as nossas dívidas” (v. 12a). A palavra grega traduzida por “dívidas” (ὀφείλημα, *ofeilema*) refere-se ao que se deve, mas a referência é a dívidas espirituais, e não financeiras—uma dívida que jamais poderemos pagar. No Novo Testamento, a palavra grega é usada no singular referindo-se a uma “ofensa, falta, ou pecado”¹⁴. O relato de Lucas diz: “perdoa-nos os nossos pecados” (Lucas 11:4a)¹⁵. Diante de um Deus santo, nós admitimos que somos pecadores e pedimos o Seu perdão. Isto vai de encontro com o âmago do nosso orgulho.

A segunda parte deste pedido acerta mais incisivamente o nosso orgulho: “assim como nós temos perdoado aos nossos devedores” (v. 12b)¹⁶. É tão difícil perdoar! C. S. Lewis disse: “Todo mundo diz que o perdão é uma idéia maravilhosa até que apareça alguma coisa para se perdoar”¹⁷. Quanto maior a transgressão, mais difícil é perdoar. Quando alguém nos ofende, nosso ego e orgulho são feridos. Temos a tendência de pensar: “*Nunca* vou conseguir perdoar [essa pessoa]!” Como é difícil dizer: “Isto não é importante; preciso ignorar!”

Alguns questionam: “Posso realmente perdoar uma pessoa que não se arrepende nem pede para ser perdoada?” Uma das possíveis bases para esse raciocínio é Lucas 17:3 e o fato de Deus não perdoar quem não se arrepende. Entretanto, não estamos falando de restauração da comunhão, mas da *atitude* dentro de nossos corações. Na cruz, Jesus orou: “Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem” (Lucas 23:34). Apesar de Jesus ter proferido essas palavras, aquelas pessoas continuaram carregando a culpa pelos pecados que cometeram até se arrependerem (veja Atos 2:36–38). A idéia principal é que Jesus não tinha animosidade em *Seu* coração. Se alguém me ofende, meu relacionamento com essa pessoa provavelmente continuará prejudicado até que o indivíduo admita seu erro; mas minha maior preocupação deve ser assegurar que não haja mal

¹⁴*Greek Lexicon*, p. 296. Uma outra versão desta oração contém a palavra “falhas” no lugar de “pecados”.

¹⁵Lucas usa os vocábulos “pecados” e “dívidas” alternadamente como sinônimos.

¹⁶Compare esta passagem com Mateus 18:23–25.

¹⁷“English Literature: C. S. Lewis” (<http://www.anglik.net/lewis.htm>); página da Internet acessada em 13 de junho de 2008.

no *meu* coração. Devo cuidar para que “nenhuma raiz de amargura” brote (Hebreus 12:15), enchendo meu coração e expulsando o amor que eu deveria cultivar pelos outros. O relato de Lucas neste trecho da oração contém uma observação positiva: “pois também nós perdoamos a todo o que nos deve” (Lucas 11:4b).

E se não estivermos dispostos a perdoar? Em primeiro lugar, isso pode destruir nossa atual alegria. Larry Calvin, um cônsul norte-americano, escreveu: “A amargura erode o espírito, suga as forças, tira o apetite, perturba o sono e acaba com a saúde. Guardar amarguras enruga o rosto, faz os ombros ficarem curvados, produz úlceras no estômago e deixa os lábios franzidos”¹⁸.

Em segundo lugar — e o mais importante — é o fato de que a indisposição para perdoar pode colocar nossa felicidade eterna em risco. Analisemos as palavras intrigantes de Jesus, ditas imediatamente após a oração modelo: “Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará; se, porém, não perdoardes aos homens [as suas ofensas], tampouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas” (Mateus 6:14, 15). Dizem que quem não se dispõe a perdoar destrói a ponte sobre a qual ele mesmo precisa passar.

MODELO QUANTO AO DISCERNIMENTO (6:13a)

A oração prossegue: “e não nos deixes cair em tentação; mas livra-nos do mal” (v. 13a; veja Lucas 11:4c). A palavra grega traduzida por “tentação” (πειρασμός, *peirasmos*) pode ter uma variedade de significados, mas nesse versículo ela é usada alternadamente com “mal”. No contexto, refere-se à “tentação para fazer o errado”. A oração que Jesus usou para ensinar Seus discípulos é modelo quanto ao discernimento por expressar preocupação não só com o perdão dos pecados, mas também com o afastar-se daquilo que leva a pecar.

Em relação à palavra “mal”, o texto grego contém um artigo definido antes do termo: “o mal”. O significado poderia ser “o mal [coisa]” (qualquer coisa que seja mau) ou “o maligno” (o diabo). Uma vez que o diabo é responsável por tudo que é mau, qualquer uma dessas traduções comunica a mesma idéia básica.

¹⁸Larry Calvin, *The Power Zone*. Fort Worth: Sweet Publishing, 1955, p. 95.

Esta parte da oração nos ensina a pedir a ajuda de Deus para ficarmos longe da tentação¹⁹, para vencermos as tentações que nos sobrevierem e para derrotarmos Satanás. Ela também pressupõe a nossa responsabilidade. É muito frequente querermos que Deus nos livre de problemas depois que caímos numa situação cheia de tentações estando com os olhos bem abertos. Não faz sentido orarmos: “Não nos deixes cair em tentação” e nos colocarmos deliberadamente em situações previamente conhecidas como tentações.

MODELO QUANTO AO LOUVOR (6:13b)

As últimas palavras da conhecida “oração do Pai nosso” estão entre colchetes em muitas versões: “[pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém]!” (v. 13b). Este trecho final não consta dos manuscritos mais antigos. Todavia, há provas de que essas palavras eram usadas nos primeiros séculos da igreja, e elas ocorrem na maioria das traduções—nas notas de rodapé ou marginais, constituindo um fechamento apropriado para uma oração. As últimas palavras da oração retornam à fonte de tudo que é bom, o próprio Deus:

- Dele é “o reino”. O reino pertence a Ele e Ele governa sobre tudo. Precisamos reconhecer essa verdade.
- Dele é “o poder”. Por maior que seja o poder que os homens possuem, ele é insignificante comparado ao poder de Deus. Também precisamos reconhecer esse fato.
- Dele é “a glória” e devemos proclamar essa glória.
- Tudo isto é verdadeiro “para todo o sempre”. “Amém” e amém!

CONCLUSÃO

Essa é a oração modelo. Será que ela nos ensina *tudo* que você e eu precisamos saber sobre oração? Não. Por exemplo, ela não foi feita em nome de Jesus. A oração modelo foi proferida debaixo da lei de Moisés e poderia ser entoada hoje por qualquer judeu consciente. Paulo ensinou que, debaixo da nova aliança, devemos dar sempre “graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso

¹⁹Como Deus não tenta ninguém (Tiago 1:13), a expressão “não nos deixes cair em tentação” pressupõe o livre arbítrio humano.

*Senhor Jesus Cristo*²⁰ (Efésios 5:20 [grifo meu]; veja também João 16:24 e Colossenses 3:17). Além disso, os pedidos na oração modelo são gerais quanto à natureza. Há hora e lugar para orações generalizadas, mas via de regra, nossas orações precisam ser específicas. Precisamos dar graças por bênçãos específicas; precisamos confessar pecados específicos; precisamos orar por pessoas específicas (veja Colossenses 1:3; 1 Tessalonicenses 1:2, 3; 2 Tessalonicenses 2:13; Tiago 5:16). Todavia, há muitas outras lições a serem aprendidas com essa oração. Como já observamos, a oração do Pai nosso é um modelo quanto ao destinatário, quanto ao respeito, quanto à ênfase, quanto à preocupação, quanto à limitação, quanto à humildade, quanto ao discernimento e quanto ao louvor.

Encerramos lembrando que a oração começa com as palavras “*Pai nosso que estás no céu*”. É impossível você repetir estas palavras com propriedade, se *Deus* não for o seu Pai. *Ele* é o seu

²⁰A conhecida expressão “em nome de Jesus” não é algo que dizemos por dizer; ela é um reconhecimento de que entendemos que Jesus é agora o nosso Mediador (1 Timóteo 2:5).

Pai? *Você* é filho ou filha dEle? Você já nasceu para a família de Deus por meio da fé e da obediência? Paulo escreveu: “Pois todos vós sois filhos de Deus *mediante a fé* em Cristo Jesus; porque todos quantos fostes *batizados em Cristo* de Cristo vos revestistes” (Gálatas 3:26, 27; grifo meu). Se você já foi batizado como um crente arrependido, você tem *agido* como um filho de Deus — ou você tem envergonhado a família de Cristo, a igreja (1 Timóteo 3:15)? Se você precisa ser batizado ou restaurado (veja Gálatas 6:1; Atos 8:22; Tiago 5:16), oramos para que você tome essa decisão hoje mesmo.

Pensamentos sobre Oração

O que você gostaria de saber? As crianças colecionam um milhão de perguntas — muitas delas iniciadas por um “por quê”. Os adolescentes se preocupam com a profissão que exercerão — e como declarar que estão apaixonados. Os adultos querem saber como prosperar na vida. Os discípulos de Jesus, porém, quiseram saber *como orar* (Lucas 11:1–4).

Autor: David Roper

© Copyright 2008, 2010 by A Verdade para Hoje
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS